

# Reinventando a leitura de livros infantis na pandemia

*Reinventing children's book reading the pandemic*

*Reinventando el libro infantil leyendo la pandemia*

—

**Janete Aparecida GUIDI**

Brasil

UNISMG

ksceron@uce.edu.ec

janeteguidi@bol.com.br

*Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*

*N.º 153, agosto - noviembre 2023 (Sección Monográfico, pp. 159-174)*

*ISSN 1390-1079 / e-ISSN 1390-924X*

*Ecuador: CIESPAL*

*Recibido: 25-06-2023 / Aprobado: 03-08-2023*

### **Resumo**

O presente texto constitui-se com uma pesquisa exploratória com estudo de caso, acerca da temática da contação de histórias na Educação Infantil envolvendo a professora contadora e uma criança com Síndrome de Down do infantil IV em época de Pandemia. Através da Literatura Infantil, o sujeito tem contato com outras culturas, viaja sem sair da sala de aula, expande seus saberes e abre possibilidades cognitivas. Ela permite a socialização das crianças em torno de uma história, do fantástico mundo do faz-de-conta. Assim, este trabalho procurou subsídios teóricos da Teoria Histórico-Cultural e do Dialogismo para abordar o assunto, observando as contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento integral da criança com Síndrome de Down. Também abrange o conceito de Literatura Infantil, como evoluiu, como o engajamento discursivo e a participação na contação de histórias são importantes para a crianças, uma vez que esta tem caráter dialógico e discursivo, ampliando a linguagem oral e possibilitando aprendizagens integrais, significativas e formadoras para as crianças.

**Palavras-chave:** participação, engajamento, literatura infantil, síndrome de Down.

### **Abstract**

The present text is constituted with an exploratory research with case study, about the theme of storytelling in Early Childhood Education involving the telling teacher and a child with Down Syndrome of the infant IV in time of Pandemic. Through Children's Literature, the subject has contact with other cultures, travels without leaving the classroom, expands their knowledge and opens cognitive possibilities. It allows children to socialize around a story, the fantastic world of make-believe. Thus, this work sought theoretical subsidies of the Historical-Cultural Theory and Dialogism to address the subject, observing the contributions of storytelling to the integral development of children with Down Syndrome. It also covers the concept of Children's Literature, how it evolved, how discursive engagement and participation in storytelling are important for children, since it has a dialogical and discursive character, expanding oral language and enabling integral, meaningful and formative learning for children.

**Keywords:** participation, commitment, literature infantile, Down syndrome.

### **Resumen**

El presente texto se constituye con una investigación exploratoria con estudio de caso, sobre el tema de la narración de cuentos en Educación Infantil que involucra al maestro de narración y un niño con Síndrome de Down del niño IV en tiempo de Pandemia. A través de la Literatura Infantil, el sujeto tiene contacto con otras culturas, viaja sin salir del aula, amplía sus conocimientos y abre posibilidades cognitivas. Permite a los niños socializar en torno a una

historia, el fantástico mundo de la fantasía. Así, este trabajo buscó subsidios teóricos de la Teoría Histórico-Cultural y el Dialogismo para abordar el tema, observando las contribuciones de la narración de cuentos al desarrollo integral de los niños con Síndrome de Down. También abarca el concepto de Literatura Infantil, cómo evolucionó, cómo el compromiso discursivo y la participación en la narración de cuentos son importantes para los niños, ya que tiene un carácter dialógico y discursivo, ampliando el lenguaje oral y permitiendo un aprendizaje integral, significativo y formativo para los niños.

**Palabras clave:** participación, compromiso, literatura infantil, síndrome de Down.

## 1. Introdução

Na atual conjuntura de distanciamento social, o ensino remoto apresenta-se como a alternativa para a manutenção das aulas e atividades escolares, possibilitando a manutenção do calendário letivo, considerando os ajustes que se fizeram necessários, principalmente na educação infantil.

A Secretaria de Educação do município pesquisado pautada no Artigo 3º da Lei Federal N. 12.527, de 2011 (Lei de Acesso à Informação) quando da instituição do Plano Emergencial de Aprendizagem Não Presencial (Decreto N. 687/2020) não tornou obrigatório o uso de celular para comunicação com os pais, visto que muito dos professores e pais não tem um aparelho compatível com o aplicativo ou não possuem internet adequada para o uso.

Como uma possível solução a fim de alcançar todos os nossos alunos da Rede Municipal adotaram a forma de materiais impressos, ou seja, os professores com as diretrizes de conteúdos de acordo com a Base Nacional Comum Curricular elaboram e encaminham atividades quinzenais para a educação infantil e ensino fundamental séries iniciais.

Também a Secretaria de Educação faz uso da educação a distância com uso da TV como ferramenta para transmitir aulas neste período de pandemia.

Com este recurso tecnológico, o professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem se reinventa nas aulas online para atrair atenção das crianças, não apenas por questões de estrutura, mas porque o ambiente e nível de atenção também mudam.

O professor deve pensar em ações mediadas pela tecnologia que levem ao aprendizado, considerando todas as circunstâncias, é um exercício difícil. Os professores têm se desdobrado para aprender a trabalhar com novas ferramentas. Mas não só eles: estudantes, pais e familiares também estão se adequando às novas dinâmicas.

Dentre essas novidades, também se faz necessário o trabalho com a literatura que é uma atividade que contribui para o desenvolvimento emocional e cognitivo porque atua na mente do leitor, principalmente dos que tem síndrome de down

proporcionando uma função humanizadora, que de acordo com Guedes e Baptista (2013, p. 235):

Ao ler ou ouvir uma história devidamente selecionada, o leitor se depara com um personagem com quem pode se identificar e participar de sua experiência, distanciando-se de seus próprios problemas e, dessa forma, encontra a possibilidade de encarar seus conflitos sem medo, ansiedade ou autocrítica.

Através de histórias infantis, “as crianças são capazes de se identificar com os personagens, expressar seus sentimentos, angústias e necessidades infantis e resolver conflitos psicológicos de acordo com a fase de desenvolvimento que estão passando” (Studzinski e Holzschuh, 2012).

A Literatura Infantil é um componente muito importante e que deve constar no currículo escolar, sobretudo na Educação Infantil. A contação de histórias é um elemento forjante do processo de amadurecimento cognitivo, social e cultural do indivíduo.

Este trabalho se configura numa pesquisa de natureza exploratória, onde desenvolvemos um estudo de caso que tem como objetivo pesquisar a participação, o envolvimento e o engajamento discursivo de uma criança do infantil IV com síndrome de down durante a contação de histórias por um professor via canal de televisão da rede aberta e pelo Youtube, e, pontuar como se integra o estimular da imaginação, a proposição de atividades de modo a ofertar diferentes situações de aprendizagem. Deste modo questiona-se: como a contação de histórias de forma remota desenvolve a participação e o engajamento das crianças com síndrome de down que apresentam dificuldades de fala, de linguagem e habilidades sensoriais e perceptivas?

Justifica-se pela necessidade de ampliar os conhecimentos sobre a Literatura Infantil, construir saberes e práticas inerentes ao fazer docente, é importante para o aprendizado, tanto para o professor quanto para o aluno com deficiência intelectual. Através da Literatura Infantil, o sujeito tem contato com outras culturas, viaja sem sair da sala de aula, expande seus saberes e abre possibilidades cognitivas. Ela permite a socialização das crianças em torno de uma história, do fantástico mundo do faz-de-conta.

Os resultados obtidos são apresentados e discutidos a partir da visão do professor e dos pais da criança. A análise reserva-se ao processo de ensino e aprendizagem, a participação da família e os resultados observados nesse momento inusitado de ensino. Para tanto, pautamo-nos na Teoria Histórico-Cultural e no Dialogismo, teoria da linguagem, para analisar os registros obtidos, a fim de compreender como a contação de histórias desenvolve o processo cognitivo em crianças com síndrome de down em tempos de pandemia da COVID-19.

## Definindo síndrome de Down

A síndrome de Down caracteriza-se por ser uma anomalia genética acompanhada da existência de um cromossomo adicional no par 21, esta pode acontecer já no momento da concepção ou imediatamente após, ocorrendo de forma bastante regular na espécie humana. Isso significa que ao invés de o indivíduo apresentar dois cromossomos 21, ele apresenta três, o que se denomina, em genética, de trissomia simples.

Carneiro (2008) explica que no momento dessa divisão, quando não ocorre a disjunção adequada dos cromossomos do par 21, dois desses ficam juntos, grudados. Assim, nesse processo de divisão celular, serão geradas células em que uma tem 47 cromossomos e a outra tem 45 cromossomos, sendo esta última eliminada.

De acordo com Joaquim (2006) o sistema nervoso da criança com Síndrome de Down apresenta anormalidades estruturais e funcionais. Estudos realizados por neurologistas concluíram existir uma lesão difusa, acompanhada de um funcionamento elétrico peculiar no desenvolvimento cognitivo da Síndrome de Down, acarretando em um rebaixamento nas habilidades de análise, síntese e a fala comprometida. Sujeitos com síndrome de Down apresentam, ainda, dificuldades em selecionar e direcionar um estímulo devido à fadiga das conexões neuronais. Essas anomalias resultam em disfunções neurológicas, variando quanto à manifestação e intensidade (Schwartzman, 2007).

Marques e Hartmann (2012, p. 1841) pontuam que “a variedade de lesões que acometem os indivíduos com Síndrome de Down influencia o desenvolvimento e a aprendizagem”. Para os pesquisadores existem diferenças significativas no desenvolvimento em função da educação e do ambiente aos que estão submetidas essas crianças desde os primeiros anos de vida, portanto, as generalizações quanto à sua capacidade de aprendizagem podem ser errôneas.

Em Bissoto (2005) encontra-se a defesa de que a ação educacional ou terapêutica adotada com as crianças com Síndrome de Down precisa considerar, primeiramente, que existem necessidades educacionais próprias, as quais devem ser reconhecidas e respeitadas, para que sejam trabalhadas adequadamente, estimulando e desenvolvendo o indivíduo.

Vygotsky (1997) afirma que o desenvolvimento das crianças com Deficiência Intelectual é igual ao desenvolvimento de crianças com outro tipo de “defeito”. A sua deficiência estimula o organismo e a personalidade a desencadarem processos de compensação. Estes processos formam funções que compensam ou nivelam a deficiência, tornando a criança mais ativa ao meio. Enfatiza que o importante não constitui a ênfase na deficiência, mas na reação que a personalidade da criança apresenta diante da dificuldade imposta pelo que a defectologia chama de defeito.

Deixa claro que a criança deficiente não é formada apenas de dificuldades. Como outras crianças, é dotada de um organismo que responde às suas

necessidades e a compensação representa uma das formas que a deficiência usa para responder aos desafios que o meio social lhe impõe. Segundo Vygotsky (1997) a personalidade se equilibra, se compensa, com os processos de desenvolvimento da criança. É imprescindível, desta forma, mais que conhecer a deficiência, visualizar a criança deficiente, sua personalidade, o meio em que vive, assim poderemos ter um estudo mais fiel sobre o desenvolvimento desta criança.

## **Definindo literatura infantil**

A Literatura, conforme Santos, Possamai e Pasqualini (2013, p. 19), é entendida como uma forma de compreensão da realidade, não possui um compromisso direto com a verdade, com o real. Possui um discurso ficcional, diferentemente do discurso racional-lógico e, sendo ficcional, consegue reelaborar o real mediante um ponto de vista distinto. Também ensina ao mesmo tempo em que diverte o leitor. Como bem explica D'Onófrio (2016, p. 19):

A literatura é chamada de ficção, isto é, imaginação de algo que não existe particularizado na realidade, mas no espírito do seu criador. A literatura cria o seu próprio universo, semanticamente autônomo em relação ao mundo em que vive o autor, com seus seres ficcionais, seu ambiente imaginário, seu código ideológico, sua própria verdade: pessoas metamorfoseadas em animais, animais que falam a linguagem humana, tapetes voadores, cidades fantásticas, amores incríveis, situações paradoxais, sentimentos contraditórios etc.

Como pode ser observado, a literatura não tem limite de imaginação: o leitor pode viajar livremente no mundo ficcional, sentir-se um personagem, viver noutro mundo de faz-de-conta, fantasiando nesse universo incrível. A literatura é descomprometida com as verdades factuais, porém não deixa de retratar a realidade. As personagens podem se expressar livremente na ficção, revelando seus sentimentos e emoções; agem de um modo semelhante à vida real. Assim, a literatura se espelha na vida. Nas palavras de Almeida (2011, p. 30) “a literatura é uma linguagem especial que tece a palavra, é a arte da palavra, atua no pensamento do ser humano, surgindo como um mundo aberto, é convite à liberdade, à imaginação, à exploração de novos mundos e sonhos”.

A partir da literatura pode-se compreender, modificar e interpretar as relações sociais. Nas palavras de Azevedo (2007), a literatura não tem uma função, uma vez que sua importância é crucial, já que é através dela que o sujeito entra em contato com temáticas humanas, como a amizade, a existência, a paixão, autoconhecimento, angústia, ciúme, a mentira etc., de diferentes pontos de vista. Para o autor “o contato com temas da vida concreta e com vozes diferentes das nossas pode, por meio da identificação, constituir um extraordinário recurso de humanização e socialização”. E nesse tempo de pandemia que muitos encontram-se desestimulados “a literatura de ficção e poesia pode ter um papel regenerador e insubstituível (Azevedo, 2007, p. 66).

É com o contato da literatura que o ser humano se aproxima dessas temáticas tão relevantes no processo de amadurecimento. A literatura possui natureza e funções diferentes de acordo com a realidade sociocultural de cada época. Isso significa que as percepções mudam conforme o tempo e o espaço, a literatura sofre constantes mudanças nesse sentido.

Candido (2002, p. 80-85) aponta três funções da literatura: a função psicológica (surge da capacidade e necessidade universal do homem de fantasiar, essa necessidade de ficção se manifesta a todo momento, através dos devaneios em que todos se envolvem diariamente, através das novelas, da música e do fantasiar sobre o amor, sobre o futuro), a função formadora (atua como instrumento de formação e educação do ser humano, por expressar realidades perpassadas por ideologias) e a função humanizadora (relacionada à identificação do leitor e de seu universo de vivência representadas na obra literária, permitindo ao sujeito reconhecer a realidade que o cerca quando transportada para o mundo da ficção). As três modalidades são importantes e se complementam entre si no momento da contação da história, pois a criança fantasia, aprende e se humaniza neste processo.

## Metodologia

Por meio do Decreto 4.258 (Paraná, 2020), as escolas paranaenses suspenderam as aulas desde março como forma de prevenção à circulação do coronavírus no Estado e os professores buscam alternativas educacionais remotas durante o período de isolamento como já pontuado. A fim de verificar como ocorre a contação de histórias para crianças do infantil IV, em especial a um aluno de 4 anos com deficiência intelectual leve, tanto no que tange materiais, iniciativas e processo de ensino aprendizagem adotado por um professor, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa com um estudo de caso, que de acordo com as palavras de Pádua (2004, p. 74), o estudo de caso trata-se de abordagem qualitativa, seja como o próprio trabalho monográfico, seja como elemento complementar em uma coleta de dados.

Alinhando este raciocínio a Minayo (2000, p. 21-22), que afirma: “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização das variáveis” (Minayo, 2000, p. 21-22).

O estudo se desenvolveu em três etapas: 1. Identificação do local da pesquisa; 2. Contato com os sujeitos pesquisados e assinatura virtual do termo livre e esclarecido; 3. Aplicação da pesquisa e coletas dos registros.<sup>1</sup>

1 A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisas, com os termos de consentimento e assentimento dos participantes, registrada no COPEP-UEM com o número 3.892.951.

Na primeira etapa, escolheu-se um Centro de Educação Infantil numa periferia do noroeste paranaense onde se trabalha um dos pesquisadores, que atende 63 crianças com uma criança com deficiência intelectual, laudada por médico e especialistas da educação.

Na segunda etapa, foi realizado os contatos com o professor, os pais e a criança de 4 anos via WhatsApp e meet. Todos os sujeitos maiores de idade concordaram em participar e assinaram virtualmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).<sup>2</sup>

A terceira etapa ocorreu a observação de quatro contações de histórias no mês de agosto de 2020 (sempre na quinta-feira) por via meet, onde foram gravadas e transcritas as falas e comportamentos da criança, sintetizados no quadro abaixo.

**Quadro 1** – Histórias contadas e comportamento da criança

Semana	Título da Literatura	Recurso utilizado pelo professor	Comportamento da criança
1ª História	A casa sonolenta	Cama de boneca e animais de brinquedos	Participou fazendo bocejos e cara de sono
2ª História	Os três porquinhos	Teatro de dedoches e de vara	Vibrou e assoprou quando a professora solicitou.
3ª História	Dona Baratinha	Casa feita de papelão, caixinha, fita no cabelo e anteninhas na cabeça	Pegou o cofrinho para mostrar a professora.
4ª História	O leão e o ratinho	Máscara de leão e de ratinho	Apontava com o dedinho e balbuciava para interagir.

Os recursos materiais, cenários e sonoplastia utilizados nas contações foram confeccionados pela professora utilizando materiais recicláveis como papéis coloridos, canudinhos, brinquedos, meias velhas, papel, EVA, e outros.

A professora contadora de histórias utilizou-se do livro da semana, para a apresentação da história, mostrou a capa e falou do autor e do ilustrador e contou a história com suas próprias palavras, utilizando uma linguagem simples e um tom moderado de forma que todos os alunos possam escutar de forma agradável. Soube explorar os recursos áudio-visuais, as vezes com efeitos especiais com luzes e sombras para atrair a atenção das crianças.

Os pais ao serem questionados sobre a importância da contação de histórias no processo de amadurecimento cognitivo, social e cultural do filho com síndrome de down relataram que o filho tem uma deficiência intelectual moderada, tem muita dificuldade de fala e linguagem para se expressar, mas apresenta emoções por meio de expressões faciais, gestos, balbucios, algumas palavras e sinais, principalmente quando reconhece a professora no meet que o acompanha desde bebê.

2 A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisas, com os termos de consentimento e assentimento dos participantes, registrada no COPEP-UEM com o número 3.892.951.



Nas interações pela videochamada meet, observa-se que a criança interagiu com a professora e as histórias lidas. Na Literatura “A casa sonolenta”, a professora fez uso de uma cama de boneca e brinquedos para a narração e também de uma caixinha de música com cantigas de ninar. Convidou os alunos a bocejarem e fazerem carinhas de sono, o que foi atendido pelo aluno pesquisado.

Na história dos “Três porquinhos”, fez uso de dedoches e fantoches de varas, som de ventos para contar a história. O aluno pesquisado, mostrava os dedinhos e assoprava como o personagem lobo da história e pronunciava a palavra “lobo”. Os pais alegaram que o filho adora história que tem o lobo como personagem.

Na contação da história da “Dona Baratinha”, a professora construiu uma janela de papelão e se vestiu de baratinha com fita no cabelo e anteninhas. Utilizou-se de poesia para a contação dessa história. Como recursos, usou de uma caixinha com moedas e máscaras dos pretendentes que queriam casar com a baratinha. O aluno no momento que ouviu o barulho das moedas, correu pegar o cofrinho e ficou chacoalhando por um bom tempo.

Na última história observada “O leão e o ratinho”, a professora fez uso de máscaras das personagens, imitando o rugido do leão bem forte e a fala do ratinho bem fininho. O aluno como forma de interação, apontava o dedinho, indo até a tela do computador e tentou se comunicar por gritos e balbucios e tentativa de chamar a professora pelo nome.

Essa experiência com a criança, nos reporta a Vygotsky (1997 quando pontuou a relação entre a interação social e o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Seus estudos sobre o desenvolvimento da atenção, da percepção, da memória e da linguagem demonstram o processo de construção dessas funções, a partir de ferramentas inicialmente externas, que são gradativamente internalizadas pela criança.

A literatura infantil contribui e muito na internalização e formação humana da criança, pois dá espaço para a imaginação, para o envolvimento afetivo e cognitivo numa história. Mas é preciso atentar-se em relação às escolhas de leituras para as crianças, adotando critérios de seleção, pois algumas obras podem não ser adequadas a certas faixas etárias. Sabe-se que a evolução da criança não é linear, rígida, cada criança tem seu próprio ritmo, seus limites, definidos por fatores diferentes, como apresentado no sujeito com síndrome de down.

O interesse da criança por determinado assunto, conforme aponta Santos, Possamai e Pasqualini (2013, p. 95), se relaciona com sua idade e ao amadurecimento cognitivo. Cabe ao professor perceber e adequar seu trabalho pedagógico de acordo com as fases da criança. Não é adequado levar uma história muito complexa para crianças pequenas, bem como levar histórias mais simples para as mais crescidas. Cada fase tem suas particularidades e meios de contar histórias.

Santos, Possamai e Pasqualini (2013, p. 95) afirmam:

Se umas das funções da literatura é transformar a realidade humana numa experiência prazerosa de aprendizagem e de crescimento, o papel da escola é decisivo no processo de formação do leitor, pois o espaço escolar constitui um lugar privilegiado de estímulo e construção, à reflexão, à assimilação de saberes e valores, daí a necessidade de encorajar crianças e jovens a adentrar neste fantástico universo da literatura.

Assim, para que as crianças tenham contato e tenham também experiências singulares com a literatura, é importante observar a escolha dos livros e temáticas a serem abordadas em sala de aula. Deve-se considerar os gostos, a realidade, o grau de escolaridade e o amadurecimento cognitivo das crianças no momento de levar histórias para a sala.

Neste sentido, Coelho (2000) descreve as fases de leitura das crianças pequenas, até seis anos, pertencentes à Educação Infantil. É neste período que abrangem as fases do pré-leitor, que são duas.

A primeira fase, ou Primeira Infância (dos 15/17 meses aos 03 anos), conforme Coelho (2000):

A criança inicia o reconhecimento da realidade que a rodeia, principalmente pelos contatos afetivos e pelo tato. É a chamada fase da invenção da mão. Seu impulso básico é pegar em tudo em que se acha ao seu alcance. É também o momento em que a criança começa a conquista da própria linguagem e passa a nomear as realidades a sua volta. (Coelho, 2000, p. 33)

Segundo a autora, para estimular a leitura nessa fase, é preciso que o adulto apresente à criança diferentes gravuras, desenhos, fotos, objetos e livros com imagens coloridas. É importante levar livros de diferentes materiais, como plástico, pano, etc. Deve-se narrar histórias com ritmo, gesticulando, encenando e explorando a sonoridade. Ao contar ou ler a história, o adulto deve nomear os objetos e desenhos, bem como criar uma relação de afetividade entre o adulto, a criança e o livro.

Na segunda fase, ou Segunda Infância (a partir dos 2/3 anos), conforme Coelho (2000)

[...] começam a predominar os *valores vitais* “saúde” e *sensoriais* (prazer ou carências físicas ou afetivas), é quando se dá a passagem da indiferenciação psíquica para a percepção do próprio ser. Início da fase egocêntrica e dos interesses ludopráticos. Impulso crescente de adaptação ao meio físico e crescente interesse pela comunicação verbal. (Coelho, 2000, p. 33)

Segundo Santos, Possamai e Pasqualini (2013, p. 96) afirmam que a presença do adulto nesta fase é muito importante. Nos livros devem predominar imagens e o texto deve ser muito pouco. Os textos devem ser significativos e atraentes

para as crianças, fazendo com que as crianças percebam a relação entre o mundo que as cerca e a palavra escrita. A sonoridade, a graça, o humor, a repetição de elementos, livros coloridos são elementos que chamam e prendem a atenção das crianças.

Ao ouvir uma história, a criança tem a possibilidade de sentir diferentes emoções passadas através do enredo, com alegria, tristeza, medo, dor, morte, separação, felicidade, abandono etc, desfrutando de momentos de fantasia.

Ao viajar pelo mundo fantástico da literatura infantil, as crianças também podem ir para outros lugares e tempos, outras épocas, outros modos de vida e de comportamento, tudo isso regado de cultura e de princípios morais e éticos. Segundo Faleiro et al. (2017), a contação de história na educação infantil contribui significativamente para o desenvolvimento da criança, pois desperta encanto, o prazer e imaginação, esta prática subsidia a aproximação do real com as fantasias que são fundamentais para o progresso na primeira infância. Mesmo que a criança ainda não saiba ler, ela naturalmente é curiosa, questionadora e esperta, portanto o contato diário com a escuta de histórias promove o gosto pela leitura, pelos livros e pela aprendizagem que vincula o divertimento, ludicidade e estímulo.

### **A participação e o engajamento das crianças no processo de contação de histórias**

Quando se conta histórias, as crianças se envolvem nela, participam e interagem ativamente na narrativa, como observado no vídeo do aluno com síndrome de down. Isso possibilita um engajamento discursivo e percepção do mundo ao redor. A imaginação humana se desenvolve dependendo das possibilidades de participação dos sujeitos em atividades que propiciem sua interação com os demais sujeitos da situação de aprendizagem. Sendo assim, a interação nos momentos de contação de histórias da literatura infantil são momentos ricos de aprendizagem, já que se deve considerar a aprendizagem da criança como integral e humana.

A participação da criança na contação de história oportuniza a oralidade, o respeito à fala do outro, a criança se sente estimulada a contar juntamente com os colegas e com o professor, permitindo maior sociabilidade. As crianças se sentem tão engajadas que querem elas mesmas contar a histórias, se sentem motivadas a partilhar o momento, mesmo que a história seja repetida, apesar de sempre ter algo novo. Até os mais tímidos neste momento participam, pois é algo encantador ser transportado para outro mundo.

Quando a criança fala, está desenvolvendo sua linguagem, amadurecendo seus processos internos de aprendizagem. Essa participação efetiva na contação de histórias desperta o senso crítico, o sentimento de pertencimento à história. Também melhora seus relacionamentos afetivos interpessoais. O ato de contar histórias instrui, socializa e diverte as crianças. “É uma ferramenta

que desperta o interesse pela leitura, ajuda no desenvolvimento psicológico e moral, ampliando o vocabulário e o mundo de ideias, desenvolve a linguagem e o pensamento” (Cardoso e Farias, 2018). Trabalha sobretudo a atenção, a memória e a reflexão, desperta a sensibilidade, a descoberta da identidade. No aspecto cognitivo, desenvolve funções como comparação, raciocínio lógico, pensamento hipotético. A organização geral dos enredos possui um conteúdo moral que colabora para a formação ética e cidadã das crianças. Nos dizeres de Silva (2011, p. 33):

está intimamente ligada aos processos e produtos da inteligência, incluindo entidades psicológicas do tipo conhecimento, consciência, inteligência, pensamento, imaginação, criatividade, geração de planos e estratégias, raciocínio, as inferências, a solução de problemas, a conceitualização, a classificação e a formação de relações, a simbolização e, talvez, a fantasia e os sonhos das crianças.

Neste sentido, é necessário considerar as crianças como sujeitos, não como meros receptores. A criança é um sujeito que aprende, que também produz cultura. A contação de histórias promove situações que permitem experiências de interação com as linguagens oral e escrita. A comunicação é uma teia de relações sociais que permite ao homem conhecer o outro, existindo a necessidade de uma linguagem que permita se expressar, sendo a oralidade uma dessas possibilidades. De acordo com Pasqualini (2012, p. 63), a oralidade oral representa para o indivíduo uma experiência linguística por excelência, em que, pelo menos, dois falantes se exprimem cada qual em seu turno. Esse exercício implica uma troca, cujos participantes exercem uns sobre os outros uma rede de influências mútuas. Bakhtin (1997, p. 113) escolhe como objeto de estudo a linguagem em uma perspectiva sociointeracionista. Afirma que é fenômeno social de interação verbal, realizada por meio de enunciações, “[...] a palavra constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro”.

Seguindo na linha bakhtiniana que concebe a linguagem como interação, num diálogo, o locutor e o ouvinte assumem atitudes ativas. O ouvinte interpreta e fala do emissor, atribuindo sentidos numa postura de réplica, mesmo quando esta consiste no silêncio. Assim, quando o professor conta uma história, ele não a faz de forma ininterrupta, pois dá espaço para as crianças participarem e interagirem. A partir desta percepção, a análise de um diálogo não fica restrita às palavras individuais, pois há coisas ditas e não ditas, há gestos e outras vozes que devem ser considerados no contexto enunciativo. Ou seja, na contação de história muitas vezes as crianças nada dizem; não por terem nada a dizer, mas seu comportamento pode indicar apreensão sobre a história contada, ansiosas para saberem o que aconteceu na narrativa. À medida que o professor vai contando a história, as crianças vão construindo hipóteses sobre o que poderá

acontecer no enredo, e nesse jogo interativo as crianças vão construindo sua oralidade e visão de mundo.

Há, portanto, dialogicidade no processo de contação de histórias. Para Bakhtin, a dialogia constitui a consciência do sujeito e o diálogo, não fica restrito à conversa frente a frente, mas no discurso, pelas vozes do dizer. Para o autor

[...] a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro. É uma experiência que se pode, em certa medida, definir como um processo de assimilação, mais ou menos criativo, das palavras do outro. (Bakhtin, 1997, p. 101)

Com base no enunciado acima, a contação de histórias permite essa interação contínua e vivências significativas para as crianças da educação infantil.

Com o passar do tempo, a contação de história não perdeu seu lugar na tradição oral, porque é algo inerente ao ser humano. É marcante para uma criança ouvir uma história, mesmo que seja repetida. As crianças têm interesse em ouvir e participar das contações de histórias, ficando atentos à contação, a cada gesto, a cada palavra emitida do professor. A literatura infantil é contagiante, cada história é singular e envolvente, as ilustrações despertam a atenção, a imaginação das crianças. Elas se colocam no lugar dos personagens, melhoram o vocabulário, recontam a história, organizando a narrativa e recriam diálogos. Percebe-se a grande importância de contar histórias para uma criança, é algo que ela, quando adulto, nunca irá esquecer, uma vez que é algo marcante na vida humana.

## **Conclusão**

Ao longo dessa pesquisa, observou-se a importância da contação de histórias na educação infantil pelas contribuições que possibilita às crianças, além da participação e engajamento delas no processo de contação de histórias. A contação de histórias desenvolve a participação e engajamento das crianças através da construção de conhecimentos, do desenvolvimento integral do sujeito-criança e de seu fator humanizante, mesmo utilizando ferramentas virtuais.

Somado a isso, a contação de histórias permite o contato com textos literários clássicos, contribuindo para a formação literária das crianças, possibilitando que ela se torne um leitor ativo, crítico e consciente. Desenvolve ainda a interatividade e oralidade da linguagem, fazendo com que a criança respeite os turnos de fala e a fala do outro, compreendendo o discurso do outro, tornando a sociedade mais solidária.

Para a criança com Síndrome de Down, a contação de história de forma remota proporcionou a interação, desenvolveu a comunicação, bem como a fala

e o contato visual, aprimorou os laços e as relações humanas, contribuindo para a socialização e aprendizagem.

O engajamento e participação na contação de histórias, assim como ampliação do vocabulário, o amadurecimento cognitivo, psicológico e social são elementos importantes que devem ser considerados nesta prática docente. Ao ouvir sobre os sentimentos dos outros, desenvolve a empatia, a capacidade de se pôr no lugar do outro. É um mundo de encantamento, de deleite, fruição, fantasia, de um mundo onde tudo é possível.

## Referências

- Almeida, Veridiana. 2011. Literatura Infante juvenil. Curitiba: Editora Fael.
- Azevedo, Ricardo. 2007. Qual a “função” da literatura? Carta na Escola, São Paulo, N.14, mar. 2007.
- Bakhtin, Mikhail. 1997. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Bissoto, Maria Luiza. Desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais. *Ciências & Cognição*, Vol. 4, p. 80-88, mar. 2005. Disponível em <http://www.cienciasecognicao.org>.
- Brasil. Lei N. 12.527, de 18 de novembro de 2011. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei N. 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei N. 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei N. 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm).
- Candido, Antônio. 2002. A literatura e a formação do homem. In Dantes, V. (Org.). Textos de Intervenção, 77-92. São Paulo: Duas Cidades.
- Cardoso, Ana L. S. & Faria, Moacir A. de. 2018. A contação de Histórias no desenvolvimento da Educação Infantil. Disponível em <http://docs.uninove.br/artefac/publicacoes/pdf/v6-2016/ARTIGO-ANA-LUCIA-SANCHES.pdf>.
- Carneiro, Maria Sylvania Cardoso. 2008. Adultos com Síndrome de Down: a deficiência Mental como produção social. Papirus: São Paulo.
- Coelho, Nelly Novaes. 2000. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna.
- D’Onófrío, Salvatore. 2006. Teoria do texto: prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática.
- Guedes, Mariana Giuberti & Baptista, Sofia Galvão. 2013. Biblioterapia na ciência da informação: comunicação e mediação. *Encontros biblio*, Vol. 18, N. 36, 2013, p. 231-253. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p231/24527>.
- Minayo, Maria Cecília de Souza. 2000. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes.
- Oliveira, Cristiane Madanêlo de. 2006. Livros e Infância. Disponível em <https://pt.slideshare.net/educadores/livros-e-infancia>.
- Pádua, Elisabete M. M. de. 2004. Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática. Campinas: Papirus.

- Pasqualini, Joseni Terezinha Frainer. 2012. Metodologia e conteúdos básicos de língua portuguesa. Indaial: Uniasselvi.
- Santos, Abraão Junior Cabral; Possamai, Jackeline Maria Beber & Pasqualini, Joseni Terezinha Frainer. 2013. Literatura Infantojuvenil. Indaial: Uniasselvi.
- Schwartzman, José S. et al. 2007. Síndrome de Down. São Paulo: Memnon.
- Silva, A. L. da. 2011. Literatura infantil: qual a sua contribuição para o desenvolvimento da leitura nas séries iniciais? Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/5007>.
- Studzinski, Natasha Gouveia & Hoszschuh, Mariah Schmidt. 2012. Contos de Fada e o Desenvolvimento Infantil. Disponível em <https://psicologado.com.br/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/contos-de-fada-e-o-desenvolvimento-infantil>.
- Vigotski, Lev Semenovitch. 1997. Obras escogidas: fundamentos de defectologia, Vol. 5. Madrid: Visor.

